



# **Apresentação**



# Apresentação

Na 26ª assembleia da ANPOLL, realizada em 8 de julho de 2011 na Universidade Federal Fluminense, decidiu-se que o tema da revista da ANPOLL para o número 34 seria “Pensar e produzir inovação em Linguística”, que era o tema do biênio da ANPOLL na época.

As discussões em torno dessa temática durante o XVII Encontro Nacional da ANPOLL, realizado em julho de 2012, foi um prenúncio do que ocorreria durante o tempo de submissão de textos para esse número da revista: como nós do campo da linguagem nos situamos diante do discurso atual sobre a produção de inovação na ciência? Embora possamos ressignificar o que seja *inovação* na nossa área, considerando justamente a pluridiscursividade da linguagem, para assim também entendê-la como *produção de novas metodologias* ou *novos conhecimentos*, é inegável que o discurso dominante hoje do que seja inovação está ligado ao campo da tecnologia e da economia. Eis uma das dificuldades para nossa área dialogar com esse discurso.

Essa dificuldade reverberou na submissão de artigos: foram poucos os artigos submetidos e aprovados que tratavam de inovação, o que fez com que o período de submissão fosse prorrogado durante um bom tempo, já dentro dos limites para se fechar a edição de Linguística deste ano. Ainda assim, não obtivemos textos aprovados sobre a temática em número mínimo para compor a edição. Assim, tínhamos duas alternativas: convidar pesquisadores para tratar sobre o tema ou submeter a pareceristas os artigos recebidos que não se encaixavam na temática. Optamos pela segunda via, porque consi-

deramos que convidar pesquisadores para falar sobre o tema seria apagar esse não-dito, e que textualizar a pouca manifestação da nossa área sobre “Pensar e produzir inovação em Linguística” é significativo. Deixamos para o leitor a contra-palavra sobre a questão.

Feitas as considerações sobre o processo de produção atípico deste número, passo à apresentação dos textos.

O artigo de Gladis Massini-Gagliari, “INOVAÇÃO CIENTÍFICA EM ESTUDOS MEDIEVAIS: DESCOBRINDO OS SONS DO PORTUGUÊS ARCAICO”, é um dos textos que discute o que é ou pode ser *inovação* na nossa área. O objetivo do artigo é abordar a compreensão do termo no que se refere à busca e à construção de novas metodologias de pesquisa. Para demonstrar como isso pode ser feito, a autora apresenta um caso específico de metodologia de pesquisa, a do grupo de pesquisa *Fonologia do Português: Arcaico & Brasileiro*, que “investiga a fonologia de um período passado do português do qual não restam mais falantes nativos vivos”.

No artigo “COLABORAÇÃO/COOPERAÇÃO ESCRITA VIA INTERNET: QUESTÕES TEÓRICO-PRÁTICAS PARA INOVAR PRÁTICAS DE ESCRITA NA ESCOLA”, Petrilson Alan Pinheiro, a partir do campo dos estudos da Linguística Aplicada, empreende uma discussão teórica acerca da produção textual colaborativa em contextos de ensino e aprendizagem de línguas e, ainda, apresenta uma proposta de conceituação do que sejam “práticas colaborativas de escrita”. Essa discussão é realizada a partir de dados gerados em pesquisa empreendida junto a um grupo de alunos do ensino médio de uma escola pública durante o processo de produção de textos para um jornal digital escolar, e que tinha por objetivo observar como se constituem práticas de escrita ao longo de um processo colaborativo de escrita.

Beth Brait, em seu texto “TRADIÇÃO, PERMANÊNCIA E SUBVERSÃO DE CONCEITOS NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM”, objetiva demonstrar como, no século XX, “o conceito de diálogo passa a integrar os estudos da linguagem, ganhando consistência e diversidade em diferentes tendências”. Para tanto, traz para o debate autores desse século que tematizaram a questão, como Émile Benveniste, Lev Jakubinskij, Valentin Voloshinov e Mikhail Bakhtin, bem como exemplifica o potencial desse conceito para a pesquisa

a partir da análise da capa do livro *Retrato calado*, de Luiz Roberto Salinas Fortes, que, nas palavras da autora, “mobiliza [o] diálogo, em pleno século XXI, como uma maneira de enfrentar, pela verbo-visualidade, forças ideológicas e estéticas em tensão”.

Por sua vez, no artigo “A NOÇÃO DE ENUNCIADO DE MICHEL FOUCAULT: ONDE DIZER É PRODUZIR INOVAÇÃO”, Kátia Menezes de Sousa, a partir da noção de enunciado de Foucault, discute a questão da inovação nos estudos linguísticos e discursivos, bem como discute o papel da linguagem na construção discursiva das práticas de inovação.

Ainda sobre o tema da inovação na área de Letras e Linguística, David José de Andrade Silva, no artigo “INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS NO SETOR LITORAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR) E SEUS DESDOBRAMENTOS NA LICENCIATURA EM LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO”, discute “os pressupostos que nortearam os conceitos de inovação curricular no ensino superior e como a graduação em destaque lida com os elementos inovadores” num contexto específico, a licenciatura em Linguagem e Comunicação, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Também no contexto das licenciaturas no ensino superior público, o artigo de Nivea Rohling, “AS IMPLICAÇÕES CRONOTÓPICAS DA AULA VIRTUAL NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA”, como o título anuncia, apresenta uma “análise do cronotopo da aula virtual de um curso de Licenciatura Letras-Português-EaD de uma universidade pública federal do sul do Brasil”. Como resultado da pesquisa, observa que “a aula presencial é um pano de fundo nas interações que se concretizam na aula virtual, incidindo sobre as relações do *estar junto à distância*”.

Ainda na temática de ensino e aprendizagem de línguas, no artigo intitulado “O ENSINO BILÍNGUE EM NATAL/RN: UM MAPEAMENTO PRELIMINAR DO CONTEXTO”, Orlando Viana Junior, Janaina Weisheimer, Lígia Leite, Rodrigo Queiroz, Wilka Soares, José Mauro Uchôa e James Vasconcelos apresentam resultado de pesquisa que teve por objetivo, a partir dos conceitos de sujeito bilíngue e educação bilíngue, traçar um mapa preliminar do ensino bilíngue em escolas particulares da região urbana de Natal (RN). Segundo os autores, “os resultados indicam que a maioria das

escolas aplica o bilinguismo parcial biletrado, com diferenças em relação à carga horária dedicada a cada uma das línguas”.

Já Wagner Rodrigues Silva e Elaine Espindola, no texto “AFINAL, O QUE É GÊNERO TEXTUAL NA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL?”, discutem o conceito de *gênero textual* na perspectiva teórica da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). Para os autores, “os resultados mostraram compartilhamento de princípios sistêmico-funcionais entre as perspectivas teóricas investigadas, apesar dos enfoques diferenciados do gênero textual”, que foram agrupados como perspectiva *clássica* e perspectiva *tipológica*.

No artigo “O AMPLO ESCOPO SEMÂNTICO DE COMPUTAÇÕES DIMINUTAS: UM ESTUDO DE ERP EM PALAVRAS DO PORTUGUÊS”, Juliana Novo Gomes e Aniela Improta França testam a hipótese de que “a relação semântica entre certas palavras pode ser mediada por uma estrutura sintática que aparece espontaneamente durante o *priming*, fazendo com que as palavras soltas se comportem de forma muito semelhante às palavras em uma frase”. Segundo as autoras, “a análise dos ERPs revelou que a direção desempenhou um papel na latência atribuído aqui a fatores estruturais”.

Os artigos de Ricardo Campos de Castro e Quesler Fagundes Camargos analisam dados da língua indígena Tenetehára, da família Tupí-Guaraní. No artigo “O EPIFENÔMENO DA ALTERNÂNCIA DE VALÊNCIA NA LÍNGUA TENETEHÁRA (TUPÍ-GUARANÍ)”, o autor tem por objetivo principal “exibir três mecanismos de alternância de valência na língua Tenetehára (Tupí-Guaraní)”. Por sua vez, no artigo “PARALELISMO ENTRE DP E CP A PARTIR DAS NOMINALIZAÇÕES NA LÍNGUA TENETEHÁRA”, o objetivo é “investigar as nominalizações na língua Tenetehára [...] a fim de demonstrar que o DP e o CP contêm os núcleos funcionais T<sup>b</sup> e Asp<sup>o</sup>, os quais são responsáveis pela codificação do tempo e do aspecto das sentenças nominais e verbais”.

O último texto deste número da revista é uma resenha, de Alexandre José Cadilhe. Sob o título “LINGUAGEM & PRÁTICAS DE SAÚDE: POR UMA INTERAÇÃO ENTRE CAMPOS”, o autor apresenta e discute a obra “Humanização. Gênero. Poder. Contribuições dos estudos da fala-em-interação

para a atenção à saúde”, que reúne textos organizados por Ana Cristina Ostermann e Stela Nazareth Meneghel.

Por fim, gostaria de agradecer aos pareceristas *ad hoc*, já nominalizados na abertura deste número. Graças a seu trabalho atento e minucioso foi possível a publicação deste número da revista.

**Rosângela Hammes Rodrigues (UFSC)**

Editora deste número da revista